

Quando

ELISA MARINA

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2021

Quando os refugiados rumam para o desconhecido

Estava quase tudo pronto para a viagem. A mãe, na cozinha, preparava lanches com as sobras do que havia na geladeira. A viagem seria longa, os pequenos certamente sentiriam fome durante o percurso. O menor, na tentativa de chamar a atenção, puxava, em vão, a calça marrom surrada do pai, que sequer lhe dava atenção, contudo, ele apenas queria permissão para levar consigo todos os seus brinquedos. Sério e com um ar de preocupação que a testa franzida expunha, o pai conversava com o amigo a quem havia dado a responsabilidade em quitar o aluguel do mês a vencer.

Cabisbaixo, o pequeno caminhou resmungando até o único quarto da casa, onde, no canto do cômodo, a mochila aberta abrigava junto às roupas os únicos brinquedos a que sua pouca idade lhe permitiram conhecer. O olhar triste era de quem sabia que teria que desapegar-se de quase todos. Despedia-se dos seus poucos pertences com o olhar de criança a quem se nega um doce, então esfregou os olhos, bocejou, e pegou o caminhão sem uma rodinha, presente da tia, com o qual costumava brincar no quintal. Amarrava a cordinha de sisal no para-choque e percorria o terreno arenoso, tomando todo o cuidado para não danificar o pequeno veículo. O vai-e-vem das rodinhas marcava a trilha percorrida, e o fazia se

sentir o mais astuto dos caminhoneiros. Manobras em cento e oitenta graus evitavam capotagens, embora pequenos buracos no piso atolassem o caminhãozinho toda vez que o garotinho insistia no percurso. Só parava a brincadeira quando a mãe o chamava para almoçar, ou o cachorro abocanhava o veículo em movimento.

O filho mais velho era o único da família que sorria enquanto ajeitava as roupas na mala. Provavelmente movido pela vontade de buscar uma vida melhor. O novo mundo havia de lhe permitir realizar o sonho de virar engenheiro.

Com o passar das horas, o pai mostrava-se impaciente com a família. Irritado, pedia à mulher para que deixasse de se preocupar com a comida e apressasse os filhos. *Não temos muito tempo, daqui a pouco irão nos chamar.* Submissa, não hesitou em retrucar. Puxou o maior pela mão, a mochila nas costas raspou na parede e ele se colocou de frente à janela, parecia querer despedir-se da paisagem que o acompanhou por árduos doze anos.

A procura do pequeno, a mãe o encontrou no canto do quarto. *Filho, tem que decidir qual brinquedo levar.* Com ele, era mais generosa e menos rude. Sentou-se ao lado dele e buscou ajuda-lo na difícil escolha. *Leve este bonequinho. Você percebeu que vocês dois estão usando blusas vermelhas?* Balançou a cabeça como sinal de concordância, e então deixou o caminhão de lado. Colocou o boneco no bolso do short, e seguiu para a sala. Puxou a cadeira, e sentado, deitou a cabeça sobre a mesa, e com o olhar direcionado ao irmão pareceu cochilar, sendo logo interrompido pelo pai que ao passar pelo cômodo tocou de leve o seu ombro na intenção de despertá-lo.

Os gritos que vinham da rua eram o chamamento para a partida. Era preciso esquecer o passado e pensar no novo continente que poderia trazer de volta a alegria roubada, a paz perdida e a prosperidade a ser alcançada. Não dava mais para desistir, e o medo, um inimigo a ser enfrentado, deveria ser vencido.

No caminhão de verdade e sem cordinha de sisal, e de carroceria descoberta, e que cuja cabine escondia um motorista sisudo, outras famílias se exprimiam para dar espaço para o quarteto. E lá de cima, o sol escaldante a tudo via, assistia a cenas de choros contidos e soluços repetidos.

O movimento da estrada chacoalhava o veículo, causando desconforto às senhoras obesas e homens idosos, e divertimento para os pequenos passageiros. Os minutos passavam em lentidão, pais calados e cansados repousavam o olhar para o horizonte. Não havia diálogos, o silêncio era o som da angústia. Diferente das crianças, para elas a viagem era pura alegria. Quando o caminhão teve dificuldades em passar pelo buraco e quase tombou, os pequenos gritaram exaustivamente; uma possível capotagem não estava no horizonte de perigo iminente.

Aylan tinha dificuldade para pegar o bonequinho caído em um vão, bem embaixo da senhora gorda e quieta. Sem pedir licença, agachou-se e, sem pudor, meteu seu corpinho bem próximo da saia rodada da senhora de peso avantajado. Alegrou-se por conseguir recuperar seu amigo de plástico.

De volta ao seu cantinho na carroceria, fechou-se em seu mundinho, e na madeira onde a mãe se firmava para não cair

fez do bonequinho um ginasta olímpico, levando-o às alturas com duplos mortais. Havia gritos de alegria do pequeno a cada novo salto que ele executava com o brinquedo.

A brincadeira durou o tempo até que a barriga gritou de fome. Pediu a mãe alguma coisa para comer, que prontamente o atendeu, dando-lhe bolachas. O irmão, mais calado, concentrava o pensamento com os olhos fixados na maleta. Havia sabedoria naquele olhar, e esperanças de uma vida futura melhor que aquela deixada para trás.

Era chegada a hora de descer.

As famílias caminhavam caladas, na companhia de medos e tristezas.

O mar estava a poucos metros dali, mas para adentrá-lo era preciso passar pela ponte que os levava à pequena embarcação. A expectativa no novo mundo do outro lado do continente fazia valer a pena qualquer esforço.

A mãe segurou a mão do pequeno e juntos seguiram à frente do filho mais velho; atrás deles, o pai, calado, em passos curtos os seguia.

Já no pequeno bote, o garotinho sem espaço para fazer o bonequinho saltitar, sentou-se entre as pernas da mãe num espaço minúsculo a que lhe foi possível cruzar suas franzinas perninhas, e nas quais fez pista de corrida para seu bonequinho. Criança arruma jeito para tudo.

Escurecia, cansado, encostou-se à perna da mãe e por ali adormeceu, ninado pelo agito da pequena embarcação. Um sono profundo, de criança, pueril e ingênuo, que se esconde do horror do mundo externo, e que o impediu acordar a

tempo de perceber o agito incomum da embarcação. Não era mais um boneco a saltitar, mas humanos em desespero.

O sono foi seu tranquilizante. O sono não o fez sofrer. O sono o transportou para um mundo desconhecido, onde uma criança de short azul e blusa vermelha iria despertar. O sonho da família embarcou num caminhão e morreu às margens do mar.

Quando os monstros habitam o andar de cima

Deixou a casa dos pais porque não aguentava mais conviver com o barulho infernal que vinha do estuque. Ratos, muitos deles, dia e noite, perturbavam seu sono. As unhas finas dos bichos provocavam um ruído estridente. Até tentou adaptar-se ao modo de vida dos roedores quando o pai prometera encontrar uma maneira para exterminar a família que vivia no andar de cima.

Antes de dormir, nem era preciso acionar o despertador, sempre havia um que pela manhã despertava mais cedo, provavelmente o que sofria de insônia. Ela supunha que pudesse ser o mais velho deles – se no mundo dos humanos idosos têm o hábito de acordar com os galos, entre os roedores não haveria de ser diferente, – às cinco da manhã, e em segundos, percorria o caminho da cozinha para o banheiro, enquanto que ela gastava minutos. A vitalidade do bicho assemelhava-se à de um adolescente humano.

Ela a escovar os dentes, e o bicho rabudo devia fazer o mesmo no estuque, aproveitando-se da luz que irradiava de baixo. O tempo em que ela levava para realizar sua higiene matinal era o tempo em que o ratinho fazia a dele. Na cozinha, enquanto a água estava a ferver um dos rabudos talvez estivesse a usar do tempo livre para ler notícias nos jornais corroídos em noites de travessuras.

Por causa da irritação que o convívio com os ratos lhe causava, se via obrigada a se arrumar às pressas, principalmente porque era em seu quarto que ela mais ouvia os barulhos causados pelas unhas quando tocavam o madeiramento do estuque. Mamãe rata, titio rato, primos ratinhos... A bicharada toda tomava conta do andar superior. Alguns deles deviam ter compromissos importantes, como roubar queijo na padaria do bairro, emaranhar-se nos fios da escola, roer madeiras da casa abandonada. Compromissos importantes cumpridos rigorosamente todos os dias. E era justamente na rua onde ela encontrava a tranquilidade ausente em casa.

No escritório, tinha a companhia de mais duas colegas, e da paz que tanto buscava. Durante as nove horas de expediente não convivia com barulhos no andar de cima. Lá, a calma era garantida. Mas quando os ponteiros do relógio marcavam dezoito horas, desespero, pois sabia que a sua paz chegaria ao fim.

Foram dois anos de convívio com os monstros que habitavam o andar de cima. Até o dia em que deu um basta. Ou eles, ou eu! O pai, contaminado pela preguiça, preferiu os habitantes do andar superior. Conviveu por mais um mês com os bichos. Até decidir mudar-se.

Cinco andares acima do nível do mar, de onde podia ver águas calmas em sua plenitude e desenhos nas montanhas, teve a certeza de ter feito um bom negócio, ainda que ironicamente tenha sido graças a seus inimigos, os ratos.

Naquele dia, um domingo, não acordou por vontade própria, foi despertada com um barulho que a princípio parecia

tratar-se de confusão na rua. Sonolenta, não conseguia distinguir de onde vinham aqueles sons. Por segundos, lembrou os tormentos com os quais teve que lidar na casa em que morou por anos. Por isso, não queria crer estar revivendo aquele pesadelo. Tentou manter-se firme em seu repouso. Estava cansada demais.

Levantou-se meia-hora depois, acompanhada de sua preguiça matinal. Vestiu o roupão e antes de dirigir-se ao banheiro apertou o *play* no aparelho de som.

De repente, o barulho com o qual havia sido despertada passou a ficar cada vez mais alto. Impossível acreditar que os malditos ratos haviam atravessado a cidade e feito morada no apartamento de cima.

Desde que deixou a casa dos pais, havia prometido a si mesma que a partir do momento em que fosse morar sozinha faria de tudo para tornar-se uma pessoa mais tolerante. Mas se não eram bichos a lhe incomodar, será que dessa vez os monstros que habitavam o andar de cima seriam crianças?

Abriu a *Bíblia* e tentou livrar-se dos pensamentos negativos que rondavam sua cabeça. Não conseguiu. Tentou buscar ajuda numa página qualquer do *Evangelho Segundo o Espiritismo*. Estava longe de ser uma pessoa religiosa, mas não descartava presentes, sejam eles quais fossem.

Apelou para uma vela. Quem sabe se mantivesse o pensamento firme diante da luz poderia livrar-se do ódio que brotava do coração. Malditas crianças. Malditos vermes encarnados em pequenos humanos. Odeio todas elas. Esses passos são irritantes, os gritinhos que ecoam no meu ouvido me causam náuseas. Desejou o pior para as crianças. Bem que poderiam



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Adobe Garamond Pro pela Editora Penalux e impresso em papel pólen soft 80 g/m², em fevereiro de 2021.
